IV CONGRESSO NACIONAL DA FEPODI

FILOSOFIA E SOCIOLOGIA JURÍDICA

LIVIA GAIGHER BOSIO CAMPELLO

MARIANA RIBEIRO SANTIAGO

Copyright © 2016 Federação Nacional Dos Pós-Graduandos Em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – FEPODI
Presidente - Yuri Nathan da Costa Lannes (UNINOVE)
1º vice-presidente: Eudes Vitor Bezerra (PUC-SP)
2º vice-presidente: Marcelo de Mello Vieira (PUC-MG)
Secretário Executivo: Leonardo Raphael de Matos (UNINOVE)
Tesoureiro: Sérgio Braga (PUCSP)
Diretora de Comunicação: Vivian Gregori (USP)
1º Diretora de Políticas Institucionais: Cyntia Farias (PUC-SP)
Diretor de Relações Internacionais: Valter Moura do Carmo (UFSC)
Diretor de Instituições Particulares: Pedro Gomes Andrade (Dom Helder Câmara)
Diretor de Instituições Públicas: Nevitton Souza (UFES)
Diretor de Eventos Acadêmicos: Abimael Ortiz Barros (UNICURITIBA)
Diretora de Pós-Graduação Lato Sensu: Thais Estevão Saconato (UNIVEM)
Vice-Presidente Regional Sul: Glauce Cazassa de Arruda (UNICURITIBA)
Vice-Presidente Regional Sudeste: Jackson Passos (PUCSP)
Vice-Presidente Regional Norte: Almério Augusto Cabral dos Anjos de Castro e Costa (UEA)
Vice-Presidente Regional Nordeste: Osvaldo Resende Neto (UFS)
COLABORADORES:
Ana Claudia Rui Cardia
Ana Cristina Lemos Roque
Daniele de Andrade Rodrigues
Stephanie Detmer di Martin Vienna
Tiago Antunes Rezende

ET84

Ética, ciência e cultura jurídica: IV Congresso Nacional da FEPODI: [Recurso eletrônico on-line] organização FEPODI/ CONPEDI/ANPG/PUC-SP/UNINOVE;
coordenadores: Livia Gaigher Bosio Campello, Mariana Ribeiro Santiago – São Paulo: FEPODI, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-143-2
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Ética, ciência e cultura jurídica

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Congressos. 2. Ética. 3. Ciência. 4. Cultura jurídica. I. Congresso Nacional da FEPODI. (4. : 2015 : São Paulo, SP).

CDU: 34

---

www.fepodi.org

IV CONGRESSO NACIONAL DA FEPODI

FILOSOFIA E SOCIOLOGIA JURÍDICA

Apresentação

Apresentamos à toda a comunidade acadêmica, com grande satisfação, os anais do IV Congresso Nacional da Federação de Pós-Graduandos em Direito – FEPODI, sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC/SP, entre os dias 01 e 02 de outubro de 2015, com o tema "Ética, Ciência e Cultura Jurídica".

Na quarta edição destes anais, como resultado de um trabalho desenvolvido por toda a equipe FEPODI em torno desta quarta edição do Congresso, se tem aproximadamente 300 trabalhos aprovados e apresentados no evento, divididos em 17 Grupos de Trabalhos, nas mais variadas áreas do direito, reunindo alunos das cinco regiões do Brasil e de diversas universidades.

A participação desses alunos mostra à comunidade acadêmica que é preciso criar mais espaços para o diálogo, para a reflexão e para a trota e propagação de experiências, reafirmando o papel de responsabilidade científica e acadêmica que a FEPODI tem com o direito e com o Brasil.

O Formato para a apresentação dos trabalhos (resumos expandidos) auxilia sobremaneira este desenvolvimento acadêmico, ao passo que se apresenta ideias iniciais sobre uma determinada temática, permite com considerável flexibilidade a absorção de sugestões e nortes, tornando proveitoso aqueles momentos utilizados nos Grupos de Trabalho.

Esses anais trazem uma parcela do que representa este grande evento científico, como se fosse um retrato de um momento histórico, com a capacidade de transmitir uma parcela de conhecimento, com objetivo de propiciar a consulta e auxiliar no desenvolvimento de novos trabalhos.

Assim, é com esse grande propósito, que nos orgulhamos de trazer ao público estes anais que, há alguns anos, têm contribuindo para a pesquisa no direito, nas suas várias especialidades, trazendo ao público cada vez melhores e mais qualificados debates, corroborando o nosso apostolado com a defesa da pós-graduação no Brasil. Desejamos a você uma proveitosa leitura!

São Paulo, outubro de 2015.

Yuri Nathan da Costa Lannes

VIGIAR E PUNIR E O PANÓPTICO MIDIÁTICO NA PÓS-MODERNIDADE

WATCH AND PUNISHMENT AND THE PANOPTICON MEDIA IN POSTMODERNTY

Claudio Mikio Suzuki
Osvaldo Estrela Viegaz

Resumo

Esta pesquisa procura centrar esforços em entender a formação e proliferação de um panóptico midiático, surgido na pós-modernidade e existente como forma de controle social por parte dos grandes meios de comunicações. Não se trata de esgotar o tema, mas sim de lançar as bases para o aprofundamento teórico e factual, permitindo que os resultados alcançados sejam difundidos, além de incentivar mais pesquisas neste tema, posto que pode contribuir com estudos significativos para compreensão da realidade atual. O uso da filosofia, somado aos problemas sociais e históricos, engendram um esforço conjunto em procurar meios cabíveis de se pensar uma saída aos problemas contemporâneos.

Palavras-chave: Panóptico midiático, Pós-modernidade, Vigiar e punir

Abstract/Resumen/Résumé

This research seeks to focus efforts on understanding the formation and proliferation of a media panopticon, emerged in post-modernity and existing as a means of social control by the major communications media. This is not to exhaust the subject, but rather to lay the foundations for theoretical and factual depth, allowing the results achieved are widespread, and encourage more research in this area, since it can contribute to significant studies to understand the current reality. The use of philosophy, added to the social and historical issues, engender a joint effort to seek appropriate ways to think about an exit to contemporary problems.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Panopticon media, Postmodernity, Watch and punishment

INTRODUÇÃO

A Pós-Modernidade trouxe consigo inúmeros problemas e possibilidades de discussões dos seus meandros, de suas formas e das muitas ideias contidas na liquidez da sociedade nos dias de hoje. Quando pensamos em trabalhar pontos específicos da contemporaneidade, o trabalho de inserção de determinados aspectos sociais e característicos da civilização na atualidade denotam a importância dos estudos que procurem, de alguma forma, abordar a temática humana.

Por certo, devemos considerar que o homem cada vez mais perde espaço diante da grande gama de objetos e tecnologias oferecidas, ao passo que também o Estado se encontra perdido e, por vezes, dominado por aqueles que antes lhe deram apoio, mas que agora sugam-lhe todas as suas energias.

Neste viés, verifica-se a formação de uma sociedade lastreada na ideia do imediatismo, que comporta uma série de nuances e que, em último grau, engendram e aprisionam a sociedade dentro de sua própria vida privada.

Pensar no panóptico tal qual conceberam Bentham e, posteriormente, Foucault, nos levar igualmente a aplicá-lo num novo modelo, no qual não mais o presídio, escola ou hospital encontra-se como principal meio e sim as mídias e meios de comunicações.

Considerando sob este aspecto, verifica-se que a formação de uma sociedade informatizada acompanhou, de outro lado, a formação de uma sociedade dependente desses meios que, com o tempo, passou a torná-la visível àqueles que dominam e possuem o poder centralizador da informação, sem que se tenha a mesma visibilidade de seu centro.

Analisa-se, pois, como o panóptico midiático surge e interfere na vida das pessoas, que permanecem em seus lares sendo bombardeados com informações e mais informações, além de estarem sob constante vigilância desses meios, perdendo-se o seu caráter essencial de ser humano e esvaindo-se a sua identidade social.

VIGIAR E PUNIR E O PANÓPTICO

A célebre obra de Foucault, “Vigiar e Punir”, trouxe grandes contribuições na análise do *modus operandi* existente nas prisões, principalmente com o emprego do panóptico, idealizado pelo filósofo utilitarista inglês Jeremy Bentham.

De acordo com os experimentos nos presídios, a centralidade do panóptico serviria como fundamento e guia na busca da melhor forma de manter sob os olhos do Estado os infratores encarcerados ou, se pensarmos conforme a filosofia de Bentham, aquilo que teria mais utilidade à sociedade, numa equação puramente matemática de aumento da felicidade e consequente diminuição da dor.

Esse modelo de construção foi proposto como forma de se obter maior controle sobre os encarcerados, que estariam aprisionados em celas (ou apartamentos) em que a disposição de cada uma delas se defrontaria com o lugar reservado ao inspetor, que controlaria a todos do centro.

> Sua essência consiste, pois, na *centralidade* da situação do inspetor, combinada com os dispositivos mais bem conhecidos e eficazes para *ver sem ser visto*. Quanto à *forma geral* do edifício, a mais apropriada, para a maioria dos propósitos, parece ser a circular, mas esta não é uma circunstância absolutamente essencial. De todas as figuras, esta é, entretanto, a única que permite uma visão perfeita, e a mesma visão, de um número indefinido de apartamentos das mesmas dimensões; que permite um ponto desde o qual, sem qualquer mudança de posição, um homem pode escrutinar, com a mesma perfeição, o número total de apartamentos.[1]

O famoso estigma do "olho que tudo vê" é o ponto-chave deste pensamento de Bentham em específico. Percebe-se que não é apenas o fato de o inspetor encontrar-se no centro, mas também a própria disposição do edifício deve ser construída de forma a possibilitar que essa vigilância seja realizada, sendo essencial que seja circular.

Neste diapasão, verifica-se que a ideia de Bentham se baseia na maneira que alcance de mais satisfatoriamente a felicidade das pessoas, ao passo que diminua sua dor, de modo que a constante atenção dispensada pelo Estado por meio de seu inspetor é aquela que garantirá efetivamente a utilidade deste princípio.

Tanto que segundo os pressupostos utilitaristas do seu idealizador, não importa qual o propósito e finalidade do Panóptico pode ser colocado em prática desde as prisões até em instituições de ensino, correcionais e hospitais, em que sua aplicabilidade pressupõe o melhor controle por parte do Estado.

> Para dizer tudo em uma palavra, ver-se-á que ele é aplicável, penso eu, sem exceção, a todos e quaisquer estabelecimentos, nos quais, num espaço não demasiadamente grande para que possa ser controlado ou dirigido a partir de

[1] BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Org. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, pp. 28-9.

> edifícios, queira-se manter sob inspeção um certo número de pessoas. Não importa quão diferentes, ou até mesmo quão opostos, sejam os propósitos.[2]

O que se depreende deste protótipo é que a figura útil do panóptico se aplicaria para além das prisões. Toda e qualquer instituição em que algo ou alguém deseje manter sob controle um número determinado de pessoas, nada melhor do que deixá-las todas sob a supervisão instantânea a praticamente automática da centralidade do inspetor, que poderia ver a todos sem ser visto e dispor da melhor maneira sobre cada uma dessas pessoas.

Quando colocamos este modelo e o empregamos na sociedade, percebemos a sua maior aplicação justamente nos casos dos presídios, mas não podemos considerar essa especificidade como sendo sua única forma de existência em nosso meio.

Na realidade, como nos alertou Foucault, o panoptismo encontra-se presente em toda e qualquer forma de existência atual, sobretudo quando pensamos na maneira com o Estado como um todo e suas instituições carcerárias, educacionais ou médicas, por exemplo, lidam com seu público periférico e o integram ao centro facilita e simplifica o processo disciplinar hierárquico.

> Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos — isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar.[3]

O panóptico, assim, se constitui não somente como um edifício materialmente construído, mas principalmente como uma ideia, na qual a centralidade da supervisão condiciona a um dispositivo disciplinar da população, em que o poder se manifesta do centro e atinge igualmente a periferia.

Pensando de acordo com Foucault, o importante do panóptico é deixar com que dentro daquele espaço fechado, que não necessariamente será um edifício, o controle seja exercido por aquele que possui o poder para tanto, em que tudo que é visto deve ser registrado e essas anotações servirão como um "currículo" sobre a vida de cada um dos observados, sejam doentes, presos ou estudantes.

---

[2] BENTHAM, Jeremy. **Ob. Cit**. Org. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 19.
[3] FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p. 221.

PANÓPTICO MIDIÁTICO E A PÓS-MODERNIDADE

Dando continuidade ao assunto anterior, podemos encontrar nos dias atuais uma nova forma de panóptico que se manifesta não em edifícios fechados e hermeticamente protegidos e que, contudo, mantém a centralidade naqueles que detém o poder e mantém a constante vigilância.

A Pós-Modernidade trouxe muitos avanços nos campos da tecnologia, principalmente com os desenvolvimentos oriundos da Geopolítica da Bipolaridade que dominou o mundo durante a Guerra-Fria (1945-1991).

Atualmente, existem inúmeros meios que permitem a comunicação quase instantânea em qualquer lugar do mundo, facilitados pela telefonia via satélite e pela internet. Dentre essas ferramentas, salienta-se a grande proliferação de aparelhos eletrônicos que permitem estar em vários lugares mesmo encontrando-se parado, como é o caso da televisão, celulares e computadores, globalizando a tudo e a todo, ainda que de maneira não uniforme.

> Tecnologias que efetivamente se livram do tempo e do espaço precisam de pouco tempo para despir e empobrecer o espaço. Elas tornam o capital verdadeiramente global; fazem com que todos aqueles que não podem acompanhar nem deter os novos hábitos nômades do capital observarem impotentes a degradação e desaparecimento do seu meio de subsistência e se indagarem de onde surgiu a praga.[4]

Lições importantes, principalmente se pensarmos em como os meios de comunicações na atualidade utilizam essas tecnologias como formas de centralizar a informação e, vendo a toda sociedade sem que esta a veja, transmite a seu bel prazer aquilo que lhe convém, sem nenhuma preocupação com a realidade dos fatos.

No Brasil, esta superexploração não se trata de algo isolado. Está presente em todos os grandes meios de comunicações que dominam o mercado, vendendo por vezes uma realidade distorcida, que agrada aos olhos de quem lê ao mesmo tempo que solidifica o seu próprio poder informacional.

A nova era tecnológica criou instrumentos capazes de manter o homem em contato virtual com qualquer pessoa no mundo. Contudo, quanto mais conectado virtualmente, mais o homem se

---

[4] BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 82.

afasta da sua essência e de sua sociabilidade, isto é, mais se afasta de suas relações sociais verdadeiras, que se tornam banais quando comparadas com a "real" importância que o mundo informacional merece.

> Os objetos não mais nos obedecem. No passado, os objetos obedeciam a nós no lugar onde estávamos, e onde os criávamos. Hoje, no lugar onde estamos os objetos não mais obedecem a nós, mas sugerem o papel a desempenhar, porque são instalados obedecendo a uma lógica que a nós é estranha, uma nova fonte de alienação.[5]

Verifica-se, portanto, que as mídias na atualidade funcionam como verdadeiros panópticos, centralizando em si o poder informacional e dele dando o destino de acordo com suas vontades. A sociedade, neste panóptico, encontra-se na periferia, sendo vista pela mídia, que realiza suas anotações gerais e, depois de processadas, as devolve para a população por meio de seus noticiários e jornais.

A exploração extremada de fatos sociais sem o devido cuidado de pesquisa em fontes atinge e degrada a sociedade, que fica à mercê de informações falsas, realidades distorcidas ou dados incompletos e o que é pior: o consideram como verdadeiros, posto que divulgados por meios que teoricamente deveriam prezar pela seriedade na pesquisa.

O que ocorre, porém, é que se permite "adquirir, analisar e difundir informação com mais rapidez e menos custo"[6], sem que a preocupação com as fontes e a forma de divulgação sejam levadas em consideração. Permite-se, sim, que o telespectador fique sob constante vigilância, enquanto o meio de comunicação se coloca como o centralizador deste panóptico midiático.

> Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores.[7]

A ideia de Foucault, ao trabalhar o conceito do panóptico nos presídios, é mostrar como a relação de poder estabelecida é consciente e permanente e que este poder será exercido

---

[5] SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006, p. 217.
[6] IANNI, Octávio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005, p. 133.
[7] FOUCAULT, Michel. **Ob. Cit**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, pp. 224-5

independentemente de sua vontade, posto que a vigilância constante permite tal ação para o controle efetivo ser realizado.

Não está, assim, tão distante da relação que externamos acima. Embora, por vezes, consideremos que a alienação proveniente dos meios de comunicação existe, de outra via é perceptível que os telespectadores estão conscientes de sua visibilidade frente a eles, de forma que sua intimidade, postada na internet e na vida particular, se torna mais um objeto passível de, um dia, aparecer no telejornal local.

O mesmo fundamento pode ser aplicado quando, por exemplo, vemos a banalização do ser humano e a depreciação da sua essência nos muitos realities shows existentes que, juntamente com os jornais, depreciam a existência humana.

> O que os *reality shows* expõem é o *destino*. No que lhe diz respeito, a eliminação é um destino *inevitável*. É como a morte, que você pode tentar manter à distância por algum tempo, mas nada do que faça poderá detê-la quando finalmente chegar. É assim que as coisas são, e não pergunte por quê...[8]

Se a sociedade é o meio pelo qual o ser humano torna tolerável sua experiência de vida diante da certeza da morte, obviamente que a banalização propagada pelos meios de comunicações modifica e encobre essa realidade e tornam a morte um acidente, não um fato da vida. Afinal, como bem assinalou Bauman, não pergunte os motivos, é assim que as coisas devem ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto pensamos em maneiras de controle e de funcionamento do poder que o cerca, imediatamente a primeira ideia que nos veem à cabeça é do controle exercido pelo Estado sobre os detentos em presídios.

Este pensamento não está errado, porém, incompleto. Certamente que uma das principais formas de domínio existentes se refere ao exercício do poder de polícia estatal e suas consequências, mas não podemos considerar a única.

Bentham idealizou um modelo de panóptico que serviu utilmente aos presídios e Foucault, com seu brilhantismo peculiar, nos mostrou como esta forma de manutenção do poder é

[8] BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p. 38.

eficiente na medida em que os detentos, conscientes de sua visibilidade, tornam o próprio poder automático em suas funções.

Ao aplicarmos esta ideia no que encontramos na atualidade pós-moderna, identificamos como as mídias passaram a exercer influência significativa nas vidas das pessoas, detendo o poder centralizado de informação e repassando-o às zonas periféricas, isto é, aos televisores, celulares e computadores.

O arquétipo deste modelo é funcional e atende aos interesses dos grandes meios de comunicações e de seus mantenedores. A sociedade, em suas celas de apartamentos, permanece sendo constantemente vigiada pelos panópticos da mídia, sem que se consiga, do mesmo modo, ver o que se lhe acontece no seu interior.

O mundo tornou-se globalizado e o efeito desta, na sociedade, tem sido extremamente prejudicial ao próprio ser humano, que perde sua identidade e essência, enquanto constantemente vigiado por aqueles que dizem o que se deve pensar, como se deve agir e do que devem fugir.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Org. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

IANNI, Octávio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.